



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO
SENSU
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA – PCL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA
PSICANALÍTICA
2011-2013

Coordenadora: Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana

Apresentado por: Cristina Ribeiro dos Anjos

Orientado por: Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes

BRASÍLIA, 2013

A FUNÇÃO DO SILÊNCIO NA ANÁLISE

Apresentado por: Cristina Ribeiro dos Anjos

Orientado por: Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes

RESUMO

O silêncio na sessão de análise intriga muitos analistas e suscita dúvidas. Esse artigo propõe-se a investigar quais as funções do silêncio do par analítico. Baseando-se na teoria de Winnicott, Freud e André Green, percebe-se que o silêncio tem vários significados. Análogo a associação livre, o silêncio do analisando pode representar uma dificuldade de simbolização; uma necessidade de não ser perturbado, resistência, um momento de elaboração e também o desenvolvimento da capacidade de ficar só. O silêncio do analista pode ter uma função associativa, estruturante e promover a elaboração de conteúdos pelo analisando. A utilização do silêncio como material de análise precisa levar em consideração suas diversas funções e sua capacidade de comunicação e prenúncio de uma simbolização pela palavra.

PALAVRAS-CHAVE: Silêncio na sessão, função do silêncio, capacidade de estar só, silêncio do analista.

O SILÊNCIO QUE MOSTRA

“Não sei expressar-me por palavras.
O que sinto não é traduzível.
Eu me expresso melhor pelo silêncio.”

Clarisse Lispector

O silêncio durante as sessões de análise é um aspecto do tratamento psicanalítico visto com dificuldade por analistas iniciantes e também pelos que já têm experiência. Considerando a associação livre como regra única e fundamental da psicanálise, o silêncio vai de encontro ao principal instrumento de trabalho do analista, a fala do analisando. Se a psicanálise é o trabalho de fazer falar e fazer ouvir (Celes, 2005), o que fazer com o silêncio? O que se pode “escutar” no silêncio?

Foster (2004) se baseia na teoria de Bion acerca da função da fala para elucidar o que pode estar mobilizando seus analisandos a dizerem o que dizem em determinado momento. Joseph (apud Foster, 2004) afirma que o material, inconscientemente, escolhido entre tantos outros possíveis é comunicado, naquele momento, por representar algo relevante que aquela situação imediata mobiliza. Em relação a essa questão, Green (2004) afirma que o falar e o calar sempre querem dizer algo. Essa regra se aplica tanto ao analista quanto ao analisando. Assim, como determinada associação não é escolhida ao acaso, o silêncio também terá um significado de acordo com o momento da situação analítica, o qual pode ser interpretado e utilizado como rico material de análise. Esse trabalho tem o objetivo de propor alguns dos possíveis significados do silêncio e sua função na análise. Em consonância com Green, quando ele se interroga: quem fala a quem? Para dizer o quê? Em que momento? E onde? Propõe-se, nesse trabalho, pensar o que o não-falar diz.

Roussillon (2012) traça, na obra de Freud, uma linha histórica da construção da associação livre como método primordial da psicanálise. Na obra freudiana, a concepção que vigora é a do funcionamento associativo do psiquismo. Roussillon afirma que Freud (1985) tenta modelar o funcionamento do ego propondo um funcionamento associativo. O ego é um conjunto de elementos complexos associados entre si, que formam grupos e complexos associativos. Algumas associações podem ser impedidas pela mobilização de defesas primárias que tendem a bloquear a associação entre diferentes partes do ego. A associação livre serviria como instrumento que liberaria o fluxo associativo retido nos pontos de fixação permitindo, assim, a elaboração.

Celes (2012a) explora o processo de construção da técnica psicanalítica e encontra nas patologias atuais, designadas limites, narcísico-identitárias ou *borderlines*, a necessidade de uma nova forma de trabalho analítico. Na constatação da possibilidade da elaboração, por meio da associação livre em seu efeito e natureza reflexivos, o autor retoma Roussillon (2012) na idéia de que a associação livre é possível a partir de um narcisismo bem constituído, no qual sujeito e objeto são totais e unitários. Entretanto, a psicanálise contemporânea se depara com sujeitos marcados por um eu fragmentado, em decorrência de uma síntese narcísica incompleta (Celes, 2012a/2012b). Tal incompletude compromete o caráter associativo e simbólico do psiquismo. A “simbolização que permitiria a síntese necessária à constituição efetiva do narcisismo é precária e ineficaz” (p. 4-5). Na clínica aplicada a essas novas constituições do psiquismo, que não se caracteriza por uma psicanálise padrão, cabe ao analista escutar o retorno das experiências arcaicas, que necessitam de sínteses associativas, pois por não passarem por esse processo, se manifestam no corpo e no

agir, não por meio da palavra. Roussillon (2012) afirma que “são experiências que precedem a aparição da linguagem verbal, elas retornam na ‘linguagem da época’ de seu registro, linguagem do afeto, linguagem da sensório-motricidade, do ato, linguagem do corpo, contemplados como linguagens narrativas” (p.16). O *acting out*, constante na dinâmica de pacientes limites, deixa explícita a dificuldade de simbolização por meio da palavra. O analista, afirma Celes (2012a), propõe sínteses associativas e verbais mesmo tendo ciência de que não alcançará completamente as vivências primitivas não apreendidas pela linguagem verbal, que se expressam como rastros, marcas e sinais não-verbais. O analista, ainda, precisa adaptar o enquadre as necessidades do analisando e usar a contratransferência como instrumento da análise, privilegiando o aqui e agora da análise. Sua interpretação será continência, asseguração e *holding* (Celes, 2012b). O autor complementa que o analista espera atos e não associação livre de seu analisando. Nesse sentido, o par analítico age na análise.

Roussillon (2012) afirma que:

o ato “mostra” um pensamento, uma fantasia, ele “conta” um momento da história, mas ele mostra e conta para alguém significativo, ele se comunica, e o faz ainda que não assuma plenamente seu conteúdo, mesmo se o pensamento se esconde por trás de sua forma de expressão. O ato “mostra”, ele não “diz”, ele conta, mas avança mascarado (p.18).

O autor completa:

ele (o ato) é linguagem enviada, dirigida a si próprio, por assim dizer, mas também endereçada ao outro, à espera, talvez, que o que ele diz sem saber, sem dizer, é ouvido e refletido pelo outro (p.19).

Roussillon (2012) trata da expressão não-verbal que acompanha o ato da fala e que comunica representações-coisa. Gesto, mímicas e postura corporal são carregados de afetos vividos em momentos primitivos do desenvolvimento e que auxiliam a fala em sua comunicação da experiência afetiva humana. O autor sugere a tese de que:

da mesma maneira que a criança “pré-verbal” utiliza o afeto, o soma, o corpo, a motricidade, o registro mimo-gesto-tônico-postural etc. para comunicar e dar a conhecer como está se sentindo, os sujeitos atormentados por formas de sofrimento narcísico-identitário em relação com traumatismos precoces utilizarão também estes diferentes registros de expressão para tentar comunicá-los e fazer com que sejam reconhecidos e isto de uma maneira central em sua economia psíquica (p. 26)

Assim como o ato é a expressão possível quando a simbolização e a palavra não são acessíveis, o silêncio é a possibilidade de uma elaboração que, inicialmente, passará pela via corporal até conseguir se expressar pela linguagem verbal.

Freud (1912) tratou o silêncio como uma resistência, na medida em que a falta da associação livre representa algo da transferência em relação ao analista, que

emerge na consciência do analisando. Freud usa uma nota de rodapé (p. 113) para diferenciar a associação livre que cessa como uma resistência da associação que é retida devido a sentimentos dolorosos. O silêncio como resistência é um obstáculo ao progresso da análise e Freud recomenda que seja interpretado para que tão logo o analisando volte a associar livremente. Green (2004) ressalta que o silêncio do analista pode também significar uma resistência no sentido de “defesa”, “recusa” ou “refúgio” da saúde psíquica do analista, relacionada à contratransferência com pacientes difíceis (p. 31).

O silêncio como ato, que vem no lugar da palavra, com vistas à simbolização, precisa ser interpretado para o analisando. Segundo Barande (1995), a participação silenciosa do par analítico representa “relações interpretativas onde o não-dito é o fator determinante do trabalho interpretativo.” (p. 186). Responder ao silêncio com palavras é a possibilidade de significação de um ato desesperado do psiquismo se fazer escutado.

O SILÊNCIO COMO NECESSIDADE

“Se você não consegue entender o meu silêncio
de nada irá adiantar as palavras,
pois é no silêncio das minhas palavras
que estão todos os meus maiores sentimentos.”

Oscar Wilde

Winnicott (1954) defende a regressão em análise como oportunidade de reparação e descongelamento das falhas ambientais primitivas. Assim, nesse processo, quando o silêncio se instala, ele é uma necessidade do analisando em seu processo regressivo.

Em um momento primitivo, o desejo de ficar quieto foi desprezado e substituído por falhas e intromissões. Na análise, a possibilidade da reprodução dessas falhas e o retorno da capacidade de desejar são proporcionados pelo silêncio. Caso o analista, não suporte esse silêncio, algo de uma reprodução da falha original se instala, interrompe o processo de crescimento do eu e surge um sentimento de inutilidade mobilizado pelas defesas advindas do falso *self*, semelhante ao que aconteceu na interação com o ambiente do indivíduo. A analista Margareth Little retrata a função do silêncio ao descrever a sua análise pessoal com Winnicott. Reporta-se a sua dificuldade inicial em falar e a forma como o referido analista maneja tal situação. Ela narra:

logo ele descobriu que durante a primeira metade de todas as sessões não acontecia coisa alguma. Eu não conseguia falar até atingir um estado “inalterado”, não perturbado por qualquer invasão, como me pedirem para dizer o que estava pensando, etc. Era como se eu tivesse

de assimilar o silêncio e a calma que ele proporcionava. Aquilo era muito diferente das perturbações da infância, do estado de ansiedade da minha mãe e da hostilidade geral da qual eu sempre senti necessidade de fugir para encontrar a paz. A partir de então ele aumentou a duração das sessões para uma hora e meia, sem cobrar a mais, até quase o final da análise (p. 20-21).

Winnicott (1954) também narra uma situação de análise na qual seu silêncio foi utilizado para se adaptar as necessidades da paciente naquele momento:

numa certa sessão no início de um desses tratamentos permaneci absolutamente quieto, apenas respirando, e percebi que era isto que eu deveria fazer. Senti muita dificuldade em fazê-lo, principalmente porque não conhecia o significado especial desse silêncio para a minha paciente. Ao final da sessão, ela retornou de um estado regressivo e disse-me: “Agora eu sei que você pode fazer a minha análise” (p. 387).

A adaptação do analista à necessidade do analisando, principalmente em sua fase regressiva, possibilita a reconstrução de redes associativas, que constituem o psiquismo, interrompidas por falhas ambientais primitivas. O *setting* analítico como ambiente suficientemente bom proporciona a revivência dessas falhas e oferece ao analisando a oportunidade de lidar com elas. A reconstrução e elaboração dessas falhas possibilitam a constituição de um eu unitário e total, que não necessita lançar mão de defesas primitivas e de um falso *self*. O verdadeiro *self* pode, então, se apropriar da simbolização, e por meio da associação livre empreender uma análise propriamente dita. Vale ressaltar, que mesmo em uma análise dita padrão podem

existir momentos de regressão, entretanto as defesas primitivas não predominam na dinâmica psíquica.

O SILÊNCIO E A CAPACIDADE DE ESTAR SÓ

“Em cada um de nós há um segredo,
uma paisagem interior com planícies invioláveis,
vales de silêncio e paraísos secretos.”

Antoine de Saint-Exupéry

A importância do silêncio na situação analítica foi retratada por Winnicott em diversos momentos de sua obra. O seu artigo de 1958, “A capacidade de estar só”, traz à luz importantes reflexões acerca do uso do silêncio. Winnicott parte do pressuposto de que a capacidade de estar só é um sinal de amadurecimento emocional. Relaciona essa capacidade a possibilidade do analisando ficar em silêncio nas sessões, o que representa uma “conquista” e não uma resistência (p. 31). Quando Winnicott fala do silêncio como uma conquista, está falando de uma ausência de palavras diferente da que se refere Freud. Freud percebe o silêncio como resistência e um obstáculo ao progresso da análise. Ele recomenda que seja interpretado para que a associação livre recomece. Já Winnicott (1963) diz que o silêncio pode ser a contribuição mais positiva do analisando e só resta ao analista esperar à medida que vai se tornando um objeto objetivamente percebido pelo sujeito. Winnicott considera a capacidade de estar só, possibilitada pela conquista do silêncio pelo analisando, como um fenômeno extremamente sofisticado que começa a ser desenvolvido nas

primeiras experiências de um bebê com sua mãe. Esse fato aponta a contradição de que para aprender a estar só é preciso estar só na presença do outro – a mãe. Essa capacidade está relacionada com a forma de lidar com os sentimentos gerados pela cena primária, a qual é fantasiada pela criança e vivenciada com sentimentos de hostilidade que podem ser “aproveitados” na masturbação (p. 33). Esse ato é o representante do lugar da criança, identificada com um dos pais, como terceiro na relação que é vivenciado na solidão da masturbação. Novamente, é a presença do outro – dos pais – que possibilita a criança estar só.

A presença de um objeto bom na realidade psíquica da criança é outro fator que contribui para desenvolvimento da capacidade de estar só. A segurança da presença suficientemente boa da mãe possibilita que a criança, por algum momento, sinta que pode ficar só. Isso acontece porque seu ambiente é representado como um lugar seguro, que lhe proporciona satisfações a contento e que esteve presente quando necessário. É a perspectiva da relação passada com esse ambiente, que leva a criança a se sentir segura o suficiente para acreditar que no futuro ainda será cuidada, mesmo que passe alguns momentos sozinha. Winnicott afirma que isso acontece em um período muito precoce, anterior ao Édipo, mas que pressupõe um mínimo de diferenciação egóica entre a criança e o ambiente e uma ausência de ansiedade persecutória. Contudo, ele se questiona se mesmo sem esses requisitos é possível que a criança possa estar só, e logo responde afirmativamente sob a condição de que a imaturidade do ego da criança seja compensada pelo apoio do ego da mãe. Com o tempo esse ego auxiliar é introjetado, tornando possível que o bebê fique só sem que, necessariamente, tenha a mãe ou algo dela por perto. A vivência da alteridade é importante nesse processo, pois somente quando criança e ambiente não são mais

uma unidade, na representação da criança, é possível a percepção da solidão, do afastamento do outro e de uma experiência de interior e exterior. Contudo, Winnicott deixa claro que quando esse estado não é encontrado totalmente formado é possível que a mãe seja esse apoio egóico que leva a completude dessa diferenciação. Winnicott encerra seu texto com um resumo, deixando claro que a capacidade de estar só tem por pressuposto a presença de alguém, mesmo que esse alguém esteja introjetado e represente inconscientemente a mãe, que nos momentos iniciais encontrava-se a disposição da criança.

Em analisando onde a diferenciação egoíca é mínima e a síntese narcísica não foi completa - o que resulta em um eu fragmentado, como propõe Celes (2012a/2012b) e uma incapacidade de estar só, como posto por Winnicott – a relação com o ego consistente do analista é representada pelo silêncio nas sessões analíticas. É possível perceber diariamente na prática clínica, que cada vez menos as pessoas toleram a solidão e a ausência do outro. Mesmo que esse outro não possa estar fisicamente presente, ele é buscado de forma virtual na ilusória sensação da presença constante que impede a solidão. Na clínica, essa incapacidade se amplifica nos sentimentos vivenciados pelos analisando ao se deitar no divã e ao se deparar com o silêncio do analista. No tratamento analítico, será o analista munido de um setting, técnica, método e presença que representará o ego consistente que auxiliará o analisando a desenvolver a capacidade de estar só.

As sessões iniciais, nas quais o analisando se encontra frente-a-frente com o analista, têm, entre outras, a função de avaliar em que medida o ego do sujeito está suficientemente formado para que ele consiga se deitar no divã sem se desorganizar ou regredir demasiadamente. Ao mesmo tempo, a presença representada pelo olhar

do analista pode propiciar o ambiente seguro com o qual o analisando, muitas vezes, pouco se deparou e, assim, iniciar o processo de análise. Figueiredo (2000) vai falar da presença, implicação e da reserva necessárias ao analista, que vão além de somente uma presença física e do olhar, mas são representadas por

“todas as variáveis do *setting* – espaço físico, disposição dos objetos neste espaço, uso do divã, duração das sessões, intervalo entre as sessões, intervenções verbais ou não - que serão pró-analíticas se estiverem comprometidas com a criação e conservação destas *reservas*, que mantêm com a implicação uma complexa relação. Elas se alimentam da implicação, criam condições para ela e a ela se contrapõem impedindo que se instale no campo transferencial e contratransferencial a loucura e a indiscriminação. No fundo, o que se pretende é conservar uma *reserva de investimento libidinal no si mesmo* de cada participante da situação analítica, de forma a que cada um construa e cultive suas reservas e possa nutrir o campo ‘trans-subjetivo’ sem nele desgarrar-se completamente.” (p.37 e 38).

Percebe-se, que na presença do analista, a situação analítica pode se desenvolver. A sustentação do silêncio figura um momento em que essa presença é imprescindível, pois assim é possível interpretar o significado do silêncio. Pontuações apressadas ou intervenções ansiosas podem destruir a riqueza que o silêncio do analisando traz e impedir que ele possa estar só na presença do analista. Nesse ponto, o silêncio do analista é presença, é acolhimento e instrumento de interpretação. Representa o nunca vivido, o indizível, em suma, o “silêncio da mãe” (Green, 2004). O mesmo autor defende a posição de que a função silenciosa do analista independe da quantidade de palavras que o analista profere. São raras as

vezes que o analisando sente que o analista fala o suficiente e responde as questões que lhe são feitas. Quando acha que o analista é prolixo demais parece que disse mais do que o analisando desejava escutar. Para o analisando, as palavras não conseguem dar conta de sua demanda. Pelo menos para o analista o falar e o calar devem estar elucidados em sua função.

O SILÊNCIO DO ANALISTA

“Pois se no começo o silêncio parece aguardar uma resposta
- como ardemos por ser chamados a responder -
cedo se descobre que de ti ele nada exige,
talvez apenas o silêncio.”

Clarice Lispector

Green (2004) cita que o silêncio do analista tem várias funções que se ajustam a cada momento específico da sessão. Pode ter a *função associativa* quando o analisando, submetido aos elementos do enquadre analítico – o autor destaca o silêncio como um desses elementos -, se encontra restrito de movimentos no divã e dirige ao analista associações que suscitam reações deste que podem ser representadas pelo silêncio. Frente ao silêncio que retorna ao analisando, este empreende em novas associações endereçadas ao analista como um “objeto inacessível” (p. 16). Dessa forma, a *função estruturante* do silêncio do analista, também, se apresenta na medida em que o silêncio constitui a tela de fundo sobre a

qual as projeções do paciente vão se inscrever, “como um *a priori* da interpretação” (p. 19). O autor defende que “assim como o sonho é o guardião do sono, o analista é o guardião do enquadre, cujo silêncio é o principal parâmetro” (p. 16).

Green conclui que a função do silêncio varia de acordo com o discurso analítico. O silêncio pode ser fecundo, estruturante, generativo, inerte, degenerativo ou silêncio de morte. Constitui o espaço potencial de trabalho do analista e o analisando sentirá o silêncio do analista de acordo com sua atitude interpretativa. Zolty (1989) fala que “o silêncio do analista não é uma demissão nem uma ausência, e o silêncio que se instaura não é um vazio, mas ‘uma outra presença no silêncio compartilhado’” (p. 192). A autora completa: “O silêncio na análise é experiência cotidiana do não saber, da castração simbólica do analista, de sua ignorância equivalente à do paciente. Pelo silêncio, o analista suspende sua posição de saber, de compreensão, de julgamento. O analista não se abandona ao silêncio, mas se deixa levar por ele até a precipitação de um dizer.” Green (2004) diz que “o silêncio do analista só é compreendido como parte do enquadre analítico. Seu sentido só se elucida se estiver incluído no conjunto das condições que o definem, e que constitui o *a priori* da psicanálise, ou da aplicação do método psicanalítico ao tratamento psicanalítico” (p. 16).

O SILÊNCIO COMO ELABORAÇÃO

“Penso noventa e nove vezes e nada descubro;
deixo de pensar,
mergulho em profundo silêncio – e eis que a verdade revela-se.”

Albert Einstein

Já o *silêncio de elaboração*, também proposto por Green, surge quando uma interpretação provoca o silêncio do analisando como sinal de uma elaboração muda (p.18). Esse silêncio não deve ser interrompido pelo analista, até que uma nova associação seja feita. O autor se baseia na tese de Winnicott de que o verdadeiro *self* é silencioso e nunca se comunica com o analista. (Winnicott, 1963).

Vários autores falam de processos silenciosos que levam a elaboração e a constituição psíquica. Winnicott (1956) trata da importância da preocupação materna primária, à medida que a mãe consegue corresponder às necessidades de seu bebê proporcionando a ele um “continuar a ser”. A criança passa por um processo silencioso de constituição do ego quando se recupera de ameaças de aniquilamento que não se cumprem e a confiança no ambiente e na sua própria recuperação se transforma em capacidade de suportar frustrações. Em 1954-5, Winnicott descreve um dia na vida de um bebê, para construir o que chamou de círculo benigno envolvido no alcance da posição depressiva. Nesse círculo, o bebê, inicialmente, se depara com experiências instintivas e com o fato de que sua mãe tem duas funções que correspondem uma ao estado de tranquilidade dele e outra, ao estado de excitação. É inaceitável, para o bebê, o fato de que a mãe da fase tranquila é a mesma que será atacada por ele na fase excitada. Na segunda fase do círculo, o bebê experiencia as consequências de sua relação com o ambiente e fantasia um buraco

deixado na mãe por sua agressividade. Esse buraco é fantasiado devido à voracidade da criança no momento da alimentação, por exemplo. Na fase seguinte, ele pode encontrar os resultados dessa experiência. Winnicott defende que a espera por esses resultados é um processo “silencioso que tem uma velocidade própria” (p. 364) análogo ao processo de digestão do bebê. O autor completa que

a digestão física e também sua correspondente elaboração tomam o seu lugar na psique. A elaboração demora algum tempo e o bebê pode apenas aguardar os seus resultados, entregue passivamente ao que se passa lá dentro. Na saúde, esse mundo interno pessoal transforma-se no infinitamente rico núcleo do eu (p.364).

Se a mãe sobrevive a essa experiência, o bebê desenvolve a capacidade de dar e, conseqüentemente, receber algo do ambiente em um processo de reparação de suas experiências instintivas. A vivência diária desse círculo possibilita que o bebê se torne capaz de tolerar o buraco que seu amor instintivo causa na mãe e, assim, nasce o sentimento de culpa.

Celes (2012b) também fala de uma digestão, esta no sentido simbólico, da situação analítica na qual o analista digere o que recebe do analisando na forma de identificação projetiva. O autor aproxima essa digestão a “maternagem winnicottiana” e a “digestão sonhada, rêverie” proposta por Bion, Ogden e outros (p. 220)

PARA CONCLUIR

“O silêncio não é vazio, é a plenitude”

Clarice Lispector

O início desse texto questionava o lugar do silêncio frente à associação livre e a interpretação. Nesse momento pode-se afirmar que o silêncio tem várias representações (ato, necessidade, desenvolvimento da capacidade de estar só, elaboração), e ser análogo a associação livre por parte do analisando; e a interpretação e escuta por parte do analista. Análogo, à medida que, como a associação livre, algo de inconsciente é comunicado e também porque o silêncio é usado quando as palavras não puderem ser ditas, ainda. Não é por acaso que o analisando se cala. Não ter uma escuta que considere esse fato, é ignorar que o silêncio tem uma função. O que o analisando falava antes de calar? Em que momento a análise se encontra para que ele conquiste, como propõe Winnicott, esse silêncio? Seria a capacidade de estar só se manifestando? Um processo de elaboração? Uma necessidade? Essas são algumas questões que o analista deve considerar antes de interromper o silêncio do analisando ou de fazer alguma interpretação.

O silêncio do analista, também, tem sua função e não é por acaso que ele acontece. Na transferência e contratransferência, deve ficar claro que esse silêncio não é só uma ausência de palavras. É preciso distinguir o silêncio do analista entre um silêncio do vazio e o silêncio como estratégia do calar (Green, 2004). Semelhante a interpretação que convoca a associação livre do analisando, a sustentação do silêncio, também, visa à fala. À medida que o analista deixa espaço para que o analisando possa se silenciar numa solidão a dois, a situação analítica se

torna um recurso de fortalecimento egoíco e de desenvolvimento da capacidade de estar só.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barante, R. (1992). Para além do dito. Em: Major, R. (Org.) (1992). *Como a interpretação vem ao psicanalista*. (p. 181-188). São Paulo: Escuta.

Celes, L. A. (2005). Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir. *Psychê*, v. IX, n. 16, p. 25-48.

Celes, L. A. (2012a). *Experiências arcaicas e técnica psicanalítica*. Manuscrito inédito.

Celes, L. A. (2012b). Linhas do desenvolvimento da psicanálise contemporânea. Em: Viana, T. C.; Diniz, G. S.; Fortunato, L. C & Zanello, V. (Org.) (2012). *Psicologia clínica e cultura contemporânea*. (p. 209-232). Brasília: Liber Livros.

Figueiredo, L. C. & Coelho, J. N. (2000). *Ética e estética em psicanálise*. São Paulo: Escuta.

Freud, S. (1895). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 2, pp. 13-320). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1912). A dinâmica da transferência. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 107-119). Rio de Janeiro: Imago.

Foster, M. R. M. (2004). Associação livre de idéias: via régia para o inconsciente. Em: Hermann, F & Lowenkron, T. (2004). *Pesquisando com o método psicanalítico* (p. 369- 378). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Green, A. (2004). O silêncio do psicanalista. *Psyché*, VIII(014), 13-38.

Little, M. I. (1992). *Ansiedades Psicóticas e prevenção: registro pessoal de uma análise com Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.

Roussillon, R. (2012). As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. *Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 30(1), 7-32.

Winnicott, D. W. (1954). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico. Em: Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 374-392). Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1954-5). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. Em: Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp.355-373). Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1956). A preocupação materna primária Em: Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1958). A capacidade de estar só. Em: Winnicott, D. W. (1990). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (p. 31-37). São Paulo: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1963). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. Em: Winnicott, D. W. (1990). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (p. 163-174). São Paulo: Artes Médicas.

Zolty, L. (2001). O psicanalista à escuta do silêncio. Em: Nasio, J. D. (2001). *O silêncio em psicanálise* (p. 191-196). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Edição de 2010).

